

COMPREENSÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO POR ALUNAS DE PEDAGOGIA

THE COMPREHENSION OF THE GENRE OPINION ARTICLE GENRER OF PEDAGOGY STUDENTS

Eline de Melo Santos¹
Sandra Patrícia Ataíde Ferreira²

Resumo. Objetivou-se (i) analisar as condições e a compreensão de leitura de estudantes universitárias do curso de pedagogia; (ii) verificar a produção de inferências dessas estudantes na relação com o artigo de opinião; (iii) entender se a história de leitura interfere na produção dessas inferências. Participam deste estudo três alunas do curso de Pedagogia de uma instituição pública de Pernambuco. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e sessão de compreensão envolvendo a leitura do gênero artigo de opinião. Verificou-se que houve compreensão e produção de inferências de base textual e pragmática durante a leitura do gênero textual em questão, como também se observou que a história de leitura do leitor interfere e contribui no processo de compreensão de leitura, gerando inferências de acordo com o contexto, e não apenas com o texto, já que o sujeito-leitor traz para a leitura uma série de experiências discursivas.

Palavras-chave: compreensão textual; condições de leitura; gêneros textuais; inferências.

Abstract. This study aimed (i) at analyzing the conditions and comprehension of reading of Pedagogy university students; (ii) verifying the production of inferences of these students in relation to the opinion article, (ii) understanding if the history of reading interferes with the production of these inferences. Participants were three students from the Pedagogy Department of a public institution of Pernambuco, Brazil. Data were collected through semi-structured interview and a session of reading comprehension of the opinion article genre. It was found that there was understanding and production of inferences of textual and pragmatic basis during the reading of the genre in question. It was also observed that the history of the student as reader interferes and contributes in the process of reading comprehension, generating inferences according to the context, not only with the text, since the subject-reader brings to reading a series of discursive experiences.

Keywords: reading comprehension; reading conditions; genre; inferences.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: elinedemelo@gmail.com

² Professora Adjunto, do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais – Centro de Educação - e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: tandaa@terra.com.br.

Artigo recebido em outubro de 2010; aprovado em dezembro de 2010.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é o objeto de conhecimento e instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens. Ela envolve o significado atribuído pelo autor do texto, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos com a leitura, sendo, portanto, um processo de construção de novos sentidos. Para ler, são necessárias as habilidades de decodificação, mas também se fazem importantes as experiências e os conhecimentos prévios do leitor, os quais auxiliam na previsão e no processo de inferência que se apoiam na informação proporcionada pelo texto (SOLÉ, 1998).

Para Foucambert (1994), ler não é apenas fazer a versão oral de um escrito. Ler é ser questionado a partir do que se lê e, para que isso ocorra, entram em jogo as histórias de leitura e o contexto social e cultural do sujeito-leitor. Enquanto lemos, construímos ideias, produzimos inferências a partir da história de vida que temos. O processo de leitura é assim entendido através de uma perspectiva interativa entre leitor e texto. A compreensão envolve também localizar/reconhecer as ideias principais contidas no texto e tecer relações com experiências vivenciadas anteriormente (DELL'ISOLA, 2001; FOUCAMBERT, 1994; GERALDI, 2000; SOLÉ, 1998).

A leitura é o processo de constituição e negociação de sentidos que ocorre durante a interação leitor-texto-autor. Dessa forma, os interlocutores constroem um novo texto com ideias novas e múltiplos sentidos, revelando a polifonia, que são as muitas vozes (sentidos) advindas da história de leitura do sujeito-leitor e também dos elementos linguísticos contidos no texto (MARCUSCHI, 2008).

Visto através da concepção interacional da língua, o texto é o lugar de interação e constituição entre sujeitos ativos (interlocutores) que atuam como atores e construtores sociais. Deste modo, o texto é um construto social e histórico, complexo e multifacetado (KOCH, 2006), objeto de interpretação, lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem (ORLANDI, 1996).

Assume-se, então, que a língua é uma atividade sócio-histórica, cognitiva e sociointerativa, entendida no seu aspecto heterogêneo, como um sistema simbólico não transparente que não se resume a um simples código autônomo preexistente e exterior ao

falante, recebendo sua determinação a partir de um conjunto de fatores que são definidos pelas condições de produção discursiva.

Uma das condições de produção discursiva é o fenômeno da intertextualidade, que compreende a relação entre um dado texto e os outros textos encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação (MARCUSCHI, 2008). Sendo assim, nenhum texto pode ser solitário, constituído sem que haja interação com outros textos, sejam eles advindos do contexto atual ou de contextos passados.

É nesse sentido que se concebe a leitura como uma atividade de interação e construção de sentidos. Além disso, defende-se que a leitura é uma atividade regrada pelas vivências, criada em determinado contexto social e cultural. É, portanto, uma atividade situada, em que o contexto em que é produzida é parte integral e fundamental no processo de compreensão. Nesse sentido, o gênero textual se torna um importante facilitador para a leitura, uma vez que os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular em que são previstas maneiras especiais de ser compreendido.

Os gêneros textuais são textos criados segundo padrões sociocomunicativos característicos, são formas textuais escritas ou orais pouco estáveis. Os gêneros textuais são formas de ação, inserção e controle social, além de serem necessários para a interlocução humana (MARCUSCHI, 2008). Eles estão presentes nos diferentes tipos de discurso, sendo o ‘ponto de partida’ para a leitura. O processo de compreensão, portanto, nasce da leitura dos diferentes gêneros textuais.

Diferentemente destes, o tipo textual designa uma espécie de construção retórica, caracterizado muito mais por sequências linguísticas do que por textos materializados. Os tipos textuais abrangem, em geral, cinco modalidades conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e junção. Em determinado gênero textual sempre ocorre a predominância de determinada modalidade (MARCUSCHI, 2008). De acordo com os aspectos tipológicos propostos por Dolz e Schneuwly (*apud* MARCUSCHI, 2008), o texto de opinião, objeto desta investigação, pode ser classificado em gênero oral ou escrito, predominando a ordem do ‘argumentar’ (modalidade). Quanto ao domínio social de comunicação, o texto de opinião envolve a discussão de problemas sociais controversos, podendo surgir na/e durante a leitura, a sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição (MARCUSCHI, 2008).

Enquanto lemos, produzimos sentidos, (re)significamos, compreendemos. A compreensão é uma atividade interativa de produção de sentidos, uma atividade de seleção, reorganização e reconstrução, em que certa criatividade é permitida (KOCH, 2006; GERALDI, 2000). No entanto, afirmar que ela não se resume a uma atividade de precisão não significa dizer que seja uma atividade imprecisa e de adivinhação, em que todos os sentidos são possíveis (MARCUSCHI, 1989, 2008).

Um texto permite muitas interpretações, compreendendo a construção de múltiplos sentidos atribuídos à leitura. Contudo, nem todos os sentidos são possíveis, afinal existem leituras incorretas e não autorizadas pelo texto. Nesse sentido, a compreensão é vista também como processo inferencial, já que conhecimentos de procedências diversas entram em ação, por formas variadas de raciocínio.

Na compreensão de textos, as inferências contribuem de forma essencial, pois funcionam como provedoras de contexto integrador para informações, garantindo também a continuidade do texto, dando-lhe coerência e sentido. Elas são processos cognitivos nos quais o leitor, partindo da informação textual, constrói nova significação. “As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto. Funcionam como estratégias ou regras embutidas no processo” (MARCUSCHI, 2008, p. 249).

A produção de inferências, vista na sua complexidade, não é um mecanismo espontâneo e natural, fruto de uma herança genética, tampouco se resume a uma atividade individual isolada do meio e da sociedade. Segundo Marcuschi (2008), compreender exige habilidade, interação e trabalho. A interpretação de enunciados é fruto do trabalho do interlocutor, não é uma mera extração de informações do texto. Ao compreender, entram em ação conhecimentos prévios do leitor (contexto) e informações contidas no texto (cotexto).

No processo de compreensão e produção de sentidos são diversos os tipos de inferências. Dentre as várias classificações de inferência, abordar-se-á aquela elaborada por Marcuschi (1989, 2008), pelo fato de ser a mais ampla, contendo as inferências de base textual, contextual e sem base textual e contextual. Esta classificação é um esquema geral composto por três grandes grupos de subtipos. No primeiro grupo (Inferências de base textual), estão as inferências lógicas que ocorrem, frequentemente, nas situações do cotidiano. Elas compreendem os pensamentos dedutivo, indutivo e condicional. Fazem parte também do

primeiro grupo as inferências semânticas que ocorrem por associação, generalização e correferenciação. E, ainda, as sintáticas.

No segundo grupo (Inferências de base contextual), estão as inferências que mais se fazem presentes na leitura de textos, ou seja, aquelas relacionadas aos conhecimentos pessoais, valores, crenças e ideologia dos sujeitos; são as inferências pragmáticas e cognitivas. Tais inferências são as que recebem interferência da cultura do indivíduo, influenciando diretamente na linguagem, nos costumes, na maneira de viver e ver a vida. No terceiro grupo, estão as inferências sem base textual e contextual que se resumem aos subtipos: falseadoras e extrapoladoras. O falseamento é um tipo de operação inferencial em que é realizada a atividade de introduzir um elemento e afirmar a proposição falsa não condizente com as informações textuais ou que não pode ser dali inferida (DELL'ISOLA, 2001; MARCUSCHI, 1989, 2008). De modo sintético, a classificação de inferência desse autor está organizada da seguinte forma:

- **Inferências de base textual:** lógicas (dedutivas, indutivas, condicionais), sintáticas e semânticas (associativas, generalizadoras, correferenciais);
- **Inferências de base contextual:** pragmáticas (intencionais, conversacionais, avaliativas), práticas (experienciais) e cognitivas (esquemáticas, analógicas e composicionais);
- **Inferências sem base textual:** falseamentos e extrapolações infundadas.

Dentre as naturezas de inferências apresentadas por Marcuschi originam-se tipos de operação inferencial. As inferências de natureza lógica, como a dedução, por exemplo, se realizam quando há a junção de duas ou mais informações textuais que funcionam como premissas para chegar à outra informação, de maneira lógica. A indução, por sua vez, ocorre na tomada de várias informações textuais para chegar a uma conclusão com valor de probabilidade.

No que se refere ao grupo de inferências de natureza lexical, semântica e pragmática, podem ocorrer os seguintes tipos: particularização, sintetização, associação e, ainda, avaliação ilocutória. No primeiro tipo, há uma tomada de um elemento geral de base lexical, fundado em experiências pessoais; no segundo tipo, ocorre a condensação de várias informações tomando como base as saliências lexicais, sem que ocorra a eliminação de elementos

essenciais; já no terceiro tipo, há a afirmação de uma informação obtida através de saliências lexicais ou cognitivas, por associação de ideias; no último tipo, realiza-se atividade de explicitação dos atos ilocutórios com expressões performativas que os representam.

Há ainda os tipos de inferências de generalização, parafraseamento, acréscimo, reconstrução, eliminação e falseamento. Na generalização há uma saída de uma informação específica para chegar a uma mais geral. No parafraseamento há uma alteração lexical para dizer a mesma informação sem alteração fundamental. O acréscimo é a introdução de elementos que não estão implícitos nem são de base textual, podendo levar, muitas vezes, a falseamentos e contradições. O tipo de inferência denominada reconstrução ocorre quando na reordenação de elementos textuais com quadros total ou parcialmente novos, podendo divergir do acréscimo quando insere algo novo. A eliminação é a exclusão pura de dados relevantes e indispensáveis à compreensão do texto. Por fim, o falseamento é o tipo de operação inferencial que ocorre na atividade de introduzir um elemento e afirmar uma proposição falsa que não pode ser inferida a partir do cotexto ou que não condiz com as informações textuais.

Ao se fazer o levantamento da literatura nacional acerca da temática relacionada à compreensão textual e à produção de inferências foram encontradas poucas investigações na área. Dentre estas, uma objetivou investigar a produção de inferências de alunos de escolas públicas e particulares, de 4ª e 7ª séries do 1º grau, do 2º ano do 2º grau (hoje, Ensino Fundamental e Médio, respectivamente) e universitários da cidade do Recife, em duas situações de teste de leitura: 1) Reprodução; 2) Respostas a Perguntas Inferenciais frente a um texto narrativo e outro argumentativo (MARCUSCHI, 1989). Neste estudo, verificou que as inferências mais recorrentes foram as que procedem de generalizações e contextualizações, bem como as parafrásticas. Também foi constatado que, apesar do desenvolvimento gradativo em direção à maturidade dos participantes enquanto leitores, existe dentre a população estudada, dificuldade para a realização de um trabalho inferencial baseado em vários níveis de informação e seu inter cruzamento.

Outro estudo se propôs a analisar a compreensão de leitura do gênero tiras de quadrinhos em alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública do Jaboatão do Guararapes – PE, investigando os tipos de inferências produzidas e os conhecimentos prévios ativados na/durante a leitura (SILVA, LIMA; FERREIRA, 2009). Evidenciaram-se como predominantes as inferências associativas, de base textual, de modo geral, quanto às ações dos

personagens; e de base contextual avaliativa, em especial, referentes aos estados emocionais e às causas das ações dos personagens, e às práticas experienciais. A produção de inferência esteve relacionada aos conhecimentos sobre a linguagem dos quadrinhos, experiências, vivências e crenças dos estudantes.

O estudo de Sampaio (2005), por sua vez, teve por objetivo analisar os tipos de inferências produzidas para um mesmo texto, por alunos de 8^{as} séries (atualmente 9^o ano) do Ensino Fundamental, de duas escolas (urbana e rural) de Picos, Piauí. Foram utilizados dois poemas, sendo um deles considerado texto local, por ter sido produzido no contexto sociocognitivo dos participantes. Verificou-se, a partir da realização de duas oficinas de leitura com o uso dos dois poemas, que os educandos, em sua maioria, realizaram inferências do tipo analógico-semânticas e apresentaram maior grau de interação com o poema de produção local devido à proximidade com o contexto nele retratado, destacando, portanto, o papel dos conhecimentos prévios na produção de sentido que é a leitura.

No entanto, não foram encontrados estudos que envolvessem a temática compreensão de leitura e inferências produzidas por estudantes universitários, assim como pesquisas que tratassem da compreensão do artigo de opinião, como objetiva este estudo. Neste contexto, algumas questões emergem: como se dá a relação ‘autor-texto-leitor’ (jogo interacional) durante a atividade de leitura de estudantes de Pedagogia? Quais inferências são produzidas na relação com o artigo de opinião? A trajetória de leitura do sujeito-leitor influencia no processo de compreensão e produção de inferências? Assim, têm-se como objetivos: (i) analisar as condições e compreensão de leitura de três estudantes universitárias de um curso de pedagogia; (ii) verificar a produção de inferências dessas estudantes na relação com o artigo de opinião; (iii) entender se a história de leitura interfere na produção dessas inferências.

Deste modo, pensa-se em contribuir com a formação de professores-leitores e com o ensino-aprendizagem da leitura, uma vez que tal estudo analisará a produção de inferências por estudantes de Licenciatura em Pedagogia, relacionando compreensão leitora e processo inferencial à trajetória de constituição do sujeito-leitor, ressaltando a relevância da função das Instituições/agências de letramento na formação do leitor, em especial, a do professor-leitor.

2. MÉTODO

Foi realizado um estudo qualitativo que, segundo Minayo (1994), caracteriza-se por responder a questões muito particulares. A pesquisa qualitativa preocupa-se com um universo

de significados, motivos, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos que não podem ser quantificados nem reduzidos à operacionalização de variáveis.

Participaram do estudo, 03 (três) alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), situada em Recife-PE, filhas de pais com grau de instrução que variava do Ensino Fundamental Incompleto ao Ensino Superior. Como requisito para participação, foi exigido que estas estivessem cursando entre o 4º (quarto) e o último período da graduação, tendo em vista já estarem cursando disciplinas do núcleo profissionalizante e, também, por se acreditar que nesse momento do curso estivessem já familiarizadas e inseridas no contexto cultura da Instituição Educacional.

Para coleta de dados, foi realizada entrevista semiestruturada e sessão de compreensão de leitura individual, com o uso de um artigo de opinião. A entrevista teve como objetivo levantar dados sobre a escolaridade dos pais e/ou responsáveis pela manutenção da família, buscando-se analisar o contexto sociocultural de inserção do estudante, assim como dados referentes à trajetória de leitura do participante, tais como: situações de leitura que vivenciou/vivencia, acesso a diferentes gêneros textuais, concepção de leitura, entre outros. Já a sessão de leitura, teve como objetivo verificar a compreensão do texto e a produção de inferências pelas estudantes.

A entrevista ocorreu na própria Instituição de ensino de origem das estudantes e teve duração média de dezessete minutos. Durante a entrevista, a pesquisadora atuou no sentido de esclarecer possíveis dúvidas em relação às perguntas e, também, objetivando buscar das estudantes complementos às respostas, investigando e coletando o máximo de informações a respeito da trajetória de leitura de cada leitora. Logo após a entrevista, ocorreu a sessão de leitura do artigo de opinião “Adoção à Brasileira”, de Leonardo Attuch (473 palavras), com duração média de dez minutos. Como critério para a escolha do texto, levou-se em conta a contemporaneidade do tema.

Ao entregar o texto para leitura, a estudante foi avisada que poderia ler da forma que habitualmente faz, silenciosamente ou em voz alta e que, para isso, iria dispor do tempo que precisasse e, em caso de dúvida, poderia fazer perguntas à pesquisadora, visto que esta atuaria oferecendo os esclarecimentos necessários. Ao final da leitura, foi feita a seguinte pergunta: “O que você significou do texto?”. Com isto, pretendia-se que a estudante falasse, o mais

livremente possível, sobre o que entendeu do texto, buscando assim, verificar que conhecimentos prévios são ativados na interlocução com o artigo de opinião e quais inferências são produzidas. As intervenções da pesquisadora, nesse momento, ocorreram no intuito de estimular a participante a falar mais sobre o texto e, ainda, auxiliar na conclusão de alguma ideia através da formulação de perguntas.

Tanto a entrevista como as sessões de leitura foram gravadas em áudio a partir do uso de um MP3 e, posteriormente, transcritas.

Os dados coletados nesta pesquisa foram analisados qualitativamente, considerando todas as fontes de informação advindas da história de leitura (entrevista) e compreensão de texto (sessão de leitura). O conteúdo da entrevista individual foi considerado com o intuito de conhecer a trajetória de leitura das estudantes e também verificar se há uma relação entre o percurso de constituição do sujeito-leitor (história de leitura do estudante de Pedagogia), a compreensão textual e a produção de inferências frente ao artigo de opinião. Na análise de compreensão de texto, foi contemplado o processo de leitura, buscando-se verificar quais as inferências foram produzidas pelas estudantes na interlocução com o artigo de opinião.

Os temas para a análise de dados foram construídos de acordo com os objetivos desta pesquisa, levando em consideração as informações coletadas neste estudo. O tema “*Constituição do leitor: a importância das agências de letramento*” surgiu a partir das temáticas principais encontradas na entrevista. O segundo tema surgiu da análise dos dados da sessão de leitura e compreensão do artigo de opinião, e denominou-se “*Inferências: compreensão e resignificação da leitura*”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Constituição do leitor: a importância das agências de letramento³

As estudantes **Angelina**⁴, **Aláide** e **Eduarda**, participantes deste estudo, discutiram sobre suas experiências em leitura, ressaltando a influência de importantes agências de

³ Os eventos de letramento são concebidos diferentemente pelas instituições que se encarregam de introduzir (in)formalmente os sujeitos no mundo da escrita. A escola, por exemplo, segundo Kleiman (2004), preocupa-se com o tipo de prática de letramento que é a alfabetização (aquisição de códigos alfabéticos e numéricos) e não com o letramento como prática social. Segundo esta autora, outras agências de letramento, como a Família e a Igreja, mostram orientações de letramento muito diferentes.

letramento nas suas trajetórias de leitura, bem como fazendo perceber que cenários e vivências diferentes podem ter aspectos em comum se levarmos em consideração os incentivos advindos das principais instituições de letramento.

Angelina diz que sua mãe comprava muitos livros de literatura infantil para mantê-la ocupada, uma vez que ela era filha única. O hábito de ler acompanhou **Angelina** até a adolescência e a vida adulta. A estudante afirma que desde criança gosta de ler, embora relate que sua mãe não tenha gosto por essa atividade. Diz também que, na época da adolescência, pedia para a mãe comprar romances antigos e que, hoje em dia, já não lê tanto quanto gostaria, mas que procura ler um pouco de tudo:

“[...] hoje eu não leio [...] aquilo que eu gostaria, leio mais por obrigação, entre aspas, o material, conteúdo daqui da faculdade e leio bastante porque eu trabalho em Departamento Pessoal. Então, eu tenho que tá a par de leis trabalhistas”.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais diversos tipos de controle social. Sendo assim, os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social, fundamentais à interlocução humana. No caso das leituras realizadas por **Angelina**, analisadas através do fragmento acima, parecem estar relacionadas à modalidade escrita, com respectivos domínios discursivos, instrucional e jurídico.

A busca por determinados textos está relacionada tanto ao interesse pessoal do leitor como é guiada pelas atividades que o leitor assume, como, por exemplo, a atividade acadêmica ou profissional. Nesse sentido, o gosto pela leitura pode estar relacionado aos incentivos recebidos durante a infância, o que é notório no percurso de leitura das três estudantes.

No que se refere aos objetivos da leitura, todas as estudantes declaram ler mais por “obrigação” do que por prazer, argumentando que têm lido apenas em função da faculdade e atribuem esse fato à falta de tempo decorrente das atividades no trabalho e na Universidade.

A busca de **Angelina** pela leitura se deu através de seu interesse pela Literatura. No entanto, a estudante deixa claro que tem dedicado a maior parte de seu tempo para leituras vinculadas ao exercício profissional e acadêmico, já que precisa atualizar-se (Leis trabalhistas) e também escrever sua monografia. Ela conta que costuma realizar palestras para

⁴ Todos os nomes são fictícios.

os adolescentes da igreja e, por isso, busca também leituras sobre temas atuais. Para ela, leitura é: “[...] aquilo que eu posso perceber a partir da minha visão de mundo, ter uma leitura a partir daquilo que eu vejo ou que eu ouço. Não é somente uma coisa escrita.”

Em sua definição, a estudante aproxima-se da concepção de texto defendida nesse estudo, ou seja, à ideia de que “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”, compreendido nas modalidades discursivas oral e escrito; sendo as duas igualmente relevantes e essenciais (MARCUSCHI, 2008). No entanto, como se pode observar, para **Angelina**, a leitura não compreende apenas o texto escrito, senão uma variedade de textos presentes nas diferentes linguagens, tais como: a música, o teatro, os museus, as fotografias etc.

As três estudantes citam uma grande variedade de textos quando falam das situações de leitura que vivenciaram ou vivenciam. **Angelina** diz que gostava de ler gibis, Literatura Brasileira, como, por exemplo, os clássicos infantis. Hoje, além do acesso aos textos específicos da profissão, como leis trabalhistas e Recursos Humanos, também tem acesso a textos informativos.

A leitura de variados textos também faz parte da trajetória de **Alaíde**. Segundo ela, sua constituição como leitora, iniciou-se desde a infância, o que ela definiu como “ato de criança”. A estudante afirma ter sido sua avó paterna quem favoreceu a ela e ao seu irmão a atividade de leitura, pois sempre comprava livros para os netos. A estudante também atribui à sua constituição como leitora a influência de sua mãe, professora, e também da religião, já que nasceu em um lar evangélico. A avó, “cabeça da família”, segundo **Alaíde**, sempre teve contato com textos bíblicos, tais como: Bíblia ilustrada, livros de escola dominical etc. Sobre isso a participante diz: “[...] desde criança a gente (referindo-se também ao seu irmão) sempre teve muito livro de história, enciclopédias, de culinária, tudo que fosse tipo de leitura”.

A influência da família na trajetória de **Alaíde** é notória. Seus relatos fazem menção a pessoas importantes no contexto familiar que atuaram como mediadores da leitura, tais como: a avó paterna, a mãe e o pai. A aluna diz que, quando criança, seu pai a castigava ordenando que lesse e fizesse resumos de livros para contar a ele quando voltasse do trabalho. Diferentemente da mãe que batia, o castigo atribuído pelo pai era ler um livro e fazer o resumo. Durante a entrevista, a estudante deixa claro que os castigos não causaram nenhum sentimento de repulsa em relação à leitura, isso fica claro quando ela expõe o caso de seu irmão que, segundo ela, demonstrou certo desinteresse por esta atividade.

Alaíde se refere ainda ao uso de estratégias para manobrar os castigos, pois se o objetivo era resumir as principais ideias do texto, ela buscava trechos de cada parte do livro:

“[...] era muito simples... eu lia um pedaço do começo, um pedaço do fim e pegava uns pedacinhos sorteados... porque senão eu ia perder a tarde toda lendo o livro que ele mandou e quando ele chegava, eu dava todo aquele resumo e porque eu li sobre aquilo, sobre aquilo outro e a parte que eu mais gostei do capítulo tal... porque sabe, na verdade, era o único... era uma estratégia mesmo.

Essa estudante diz que gostava de ler os livros que o pai a obrigava e que preferia esse tipo de castigo ao castigo físico. Ela diz que a mãe batia, mas também a proibia de realizar atividades, deixando-a sem “fazer nada”. Já o pai, mandava ler e, depois de lido, estava liberada. Ela acredita que, no início, o seu irmão não gostava de ler e que talvez o “castigo” tenha influenciado nessa postura negativa em relação a essa atividade. Mas, segundo ela, o irmão, com o passar do tempo, foi descobrindo o prazer da leitura, o que parece estar relacionado às situações de leitura e constituição do sujeito-leitor quando em sua formação universitária (Curso de Educação Física-Licenciatura).

Já **Eduarda**, a outra estudante entrevistada, ao discorrer sobre a sua trajetória de leitura, cita vários textos que fizeram parte de seu percurso de constituição enquanto leitora: gibis, contos clássicos, histórias infantis (discos de vinil), paradidáticos de Língua Portuguesa, revistas e jornais. A estudante fala da influência de seu pai, professor formado em Ciências Sociais. Ela diz que tinha curiosidade de saber o que o pai fazia e como corrigia as provas dos alunos, mas a mãe sempre a alertava dizendo que o pai estava estudando. Ela relata também que ele tinha livros, discos de vinil e historinhas, dentre as quais havia a história da Bela Adormecida, em disco de vinil, e que a risada da bruxa abria a porta para a sua imaginação.

“[...] tem a história de uma bruxa (...) é a Bela Adormecida que, até hoje, eu tenho o disco de vinil, e ele ainda toca. A narração é de Ísis de Oliveira, a atriz (...) então aquela risada daquela bruxa pra mim abria a porta (...) ficava a imaginar, ficava com medo.

Esta foi uma situação de leitura na infância que, certamente, marcou a trajetória de leitura da estudante **Eduarda**, que durante a infância e adolescência lia de tudo, até folhas de revista ou jornal quando serviam de papel de embrulho de algum produto ou objeto. Hoje, a

estudante relata ler por obrigação, com um fim específico, o que chama de leituras mais direcionadas, citando as atividades da faculdade e as do estágio.

Ainda quanto às agências de letramento, o acesso à biblioteca apareceu na fala de duas estudantes, **Alaíde** e **Eduarda**. A primeira afirma que costumava frequentar a biblioteca do CFCH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da UFPE), mas declara não ter ido mais neste espaço porque ali era uma leitura por prazer, falando de seus gostos por leituras relacionadas à Filosofia. Apesar de gostar de ler por prazer, atualmente **Alaíde** tem lido obrigatoriamente, realizando leituras com o objetivo de fazer trabalhos solicitados na Universidade ou mesmo pelos planos de aula (Estágio - prática profissional). Já **Eduarda** cita, primeiramente, a biblioteca da escola onde é estagiária, falando dos momentos de leitura destinados às crianças da Rede Municipal de ensino do Recife. Segundo a estudante, esses são momentos que promovem a interação dessas crianças com a leitura. Ao discorrer sobre as situações de leitura que vivencia, **Eduarda** diz frequentar a biblioteca da Universidade, mas faz uma crítica relacionada ao seu horário de funcionamento e à pouca variedade do material disponível na biblioteca universitária.

Eduarda traz um questionamento relacionado à função da Universidade enquanto agência de letramento. Para a estudante, a leitura não é valorizada, é vista como obrigação, sendo um estorvo e não um prazer. Ela acrescenta:

“[...] eu acho que aqui na faculdade poderia ter mais momentos de leitura (...) poderia ser trabalhado mais aqui na Universidade a questão da leitura. (...) a gente lê por obrigação. Tira um pedaço daquele livro, aquele capítulo pra cumprir o currículo.”

Ressaltamos um dado relevante apontado pelas estudantes: todas afirmaram ler mais por obrigação do que por prazer, fazendo menção às atividades realizadas em função do trabalho e da faculdade. Parece que a Universidade tem oferecido, como mencionou **Eduarda**, apenas situações de leitura voltadas ao cumprimento do currículo. A mesma estudante afirma procurar a biblioteca quando existe necessidade, em seguida, ela fala sobre a leitura de capítulos dos livros (leituras por obrigação). Nesse sentido, o questionamento de **Eduarda** referente aos momentos de leitura, na Universidade, é bastante pertinente.

Quanto às atividades de leitura realizadas pelas estudantes no tempo livre, predominaram aquelas relacionadas ao cinema e à música. Quando falam sobre frequentar museus, teatros ou exposições de arte, as estudantes justificam a “falta de interesse” por tais atividades pela ausência de costume ou orientação, o que parece estar relacionado às ações de

incentivo advindas das diferentes agências de letramento. **Angelina** diz: “[...] Na realidade, eu não fui culturalmente acostumada a ir a teatro não. Eu gosto mais de cinema”.

Angelina afirma também que não costuma frequentar museus nem exposições de arte. Apesar de admirar e achar interessante, não costuma sair de casa para fazer programações desse tipo. A respeito dos gêneros de filmes, as três estudantes revelaram gostar de filmes românticos, que envolvem uma história real, suspenses e, ainda, ficção científica. Nesse sentido, pode-se afirmar que as estudantes mantêm contato com diversos gêneros textuais, estando presentes entre eles os de modalidade discursiva oral, tais como os filmes de gêneros diversos, assim como o teatro e a música. Todas as estudantes afirmaram ter contato com tais gêneros discursivos, sendo o museu e as exposições de arte pouco frequentados.

3.2 Inferências: compreensão e ressignificação da leitura

Ao discorrerem sobre o texto lido, as estudantes trouxeram à tona as principais ideias referentes ao tema abordado, sendo capazes de produzir inferências enquanto relatavam o que havia sido significado do texto, que tratava, sobretudo, da ideia relacionada à demora no processo de adoção de crianças no Brasil.

Angelina, por exemplo, afirmou que no Brasil a burocracia atrapalha e nega um direito de vida melhor a muitas crianças, ressaltando a crítica feita pelo autor do texto, fazendo, assim, uma inferência do tipo lógica condicional, de base textual, uma vez que a estudante parece encontrar uma relação de causa e consequência entre maior quantidade de tempo nos processos de adoção e maior quantidade de crianças abandonadas (negação do direito a uma vida melhor). **Angelina** produz outras inferências pragmáticas, de base contextual, quando relata o aspecto da restrição de adoções de crianças por estrangeiros, dizendo que isso acontece, não apenas por conta da burocracia, mas também devido à preocupação com as crianças que vão viver fora do país. Assim ela diz: “[...] qual vai ser o futuro dessas crianças? Afinal de contas vai ficar mais difícil a questão da... fiscalização”.

As inferências associativas do tipo semânticas, de base textual, aparecem, por exemplo, na leitura de **Eduarda** quando fala do famoso empresário, dono da Apple, Steve Jobs, que, quando criança, não chegou a ser abandonado porque o processo de adoção no país em que nasceu é muito rápido. Esse tipo de operação inferencial ocorre quando se realiza associações de ideias com o objetivo de afirmar determinadas informações presentes em

saliências lexicais ou cognitivas; essas informações podem ser obtidas em condições de afirmação.

Eduarda traz também em sua leitura a polêmica relacionada à adoção de crianças negras por casais famosos (celebridades), produzindo o seguinte questionamento: “[...] é só o negro que é miserável, que é abandonado?” Desta forma, realiza inferência experiencial, de tipo pragmática, de base contextual, uma vez que traz para o seu discurso um elemento fundado em experiências e conhecimentos pessoais, individualizando ou contextualizando em um conteúdo particular.

As estudantes tratam da adoção por casais homossexuais, tomando um posicionamento diante do tema. Duas delas se colocam a favor da adoção por esses casais, justificando a opinião através dos seguintes argumentos:

Eduarda: “[...] O que é importante é o bem estar social, afetivo da criança ou a questão dela ter dois pais e duas mães? [...] O país pretende deixar a criança abandonada ou tirar ela da rua?”

Alaíde: “[...] tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso, pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais. Se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado”.

As inferências produzidas nesse momento (quando discorrem sobre um tema ‘tabu’) são, em sua maioria, pragmáticas experienciais, podendo também ser consideradas pragmáticas avaliativas, uma vez que se baseiam nos conhecimentos, nas crenças, ideologias e experiências individuais advindas da cultura. Segundo Dell’Isola (2001), as inferências avaliativas apresentam julgamentos pessoais gerados a partir das ideias apresentadas no texto, levando o leitor a aprofundar a sua reflexão e a argumentar a favor de sua opinião.

As inferências de tipo pragmática, de base contextual, foram as que mais predominaram durante a significação do artigo de opinião, tendo em vista a produção conjunta das três estudantes. Essas são as inferências que mais se fazem presentes na leitura de textos da modalidade discursiva escrita, além disso, são responsáveis pelas inferências de

base contextual, a formação individual e o contexto sociocultural do leitor ou ouvinte (DELL'ISOLA, 2001).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três estudantes participantes desta pesquisa compreenderam o texto lido, apontando as principais temáticas apresentadas na leitura. Dessa forma, à medida que as estudantes apresentaram as temáticas presentes no cotexto, produziram inferências de base textual, de tipo lógica e semântica. Já em relação às inferências pragmáticas, as estudantes, através de interação com o texto, trouxeram à (re)significação da leitura elementos de seu contexto particular. Não houve geração de inferências de tipo falseadoras ou extrapoladoras (MARCUSCHI, 2008).

É provável que a boa compreensão do gênero artigo de opinião pelas participantes esteja relacionada às práticas de leitura em que estiveram inseridas e, portanto, ao seu contexto sociocognitivo, como também sugere o estudo de Sampaio (2005). Pode-se analisar que a história de leitura do leitor interfere e contribui no processo de compreensão de leitura, gerando inferências de acordo com o contexto e não apenas com o cotexto, já que o sujeito-leitor traz para a leitura uma série de experiências discursivas (ORLANDI, 1996; 2006).

Nesse sentido, afirma-se e ressalta-se a importância do percurso de leitura do sujeito-leitor na atividade de compreensão. Afinal, tal atividade se traduz em um processo interativo entre interlocutor e texto, em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação, por formas de raciocínio variadas (MARCUSCHI, 2008). Verificou-se que as agências de letramento têm um papel fundamental na formação do leitor crítico, no sentido de oferecer-lhe situações de leitura com múltiplas linguagens, tais como a música, o teatro, as exposições de arte. Algo, aliás, não contemplado nos estudos de Marcuschi (1987); Sampaio (2005) e Silva, Lima e Ferreira (2009), mas que, como esta investigação aponta, necessita ser explorado e considerado em estudos futuros, uma vez que isso tem implicações na compreensão textual do sujeito.

A partir dos dados coletados neste estudo outros questionamentos surgem: A Universidade tem proporcionado situações de leitura diferenciadas? Que tipo de leitura os

estudantes têm realizado a partir dos incentivos advindos da Universidade? Que textos vêm sendo utilizados na formação do professor-leitor? Tais questionamentos poderão ser investigados através de outras pesquisas, o que poderá levar a uma maior compreensão da relevância destas instituições de letramento na formação do sujeito-leitor.

REFERÊNCIAS

ATTUCH, Leonardo. Adoção à Brasileira. *Isto É*. São Paulo, 27 de agosto/ 2008, n. 2025/ ano 31.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. p. 41-88.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. *Psicologia em Estudo*, v. 9, n.3, p. 439-448, Sept./Dec. 2004.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 1-13.

GERALDI, J.W (Org.). *O texto na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 39-46.

KOCH, Ingedore G.V. *Desvendando os segredos do texto*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-33.

KOCH, Ingedore G.V. ; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *O processo inferencial na compreensão de textos*. Recife: UFPE, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Centro de artes e comunicação, 1989. (Relatório Final apresentado ao CNPq).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 228 – 281.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 9-22.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 7.ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

SAMPAIO, Ana Karina B. *A inferência na compreensão do texto escrito: oficinas de oralidade, leitura e escrita para educandos do Ensino Fundamental em Picos no Estado do Piauí*. 2005. 108f. Dissertação – Curso de Mestrado em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SILVA, Maria de Jesus R. da; LIMA, Noêmia M. de; FERREIRA, Sandra Patrícia A. *Leitura e compreensão de tiras de quadrinhos no Ensino Fundamental*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.